

Antonio Aparecido Teixeira

**VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA
[GT 15 – Culturas Juvenis na Escola]**

**APRENDIZAGENS E SOCIABILIDADES ENTRE A ESCOLA
TRADICIONAL E O CIBERESPAÇO: A JUVENTUDE EM BUSCA DE
NOVOS CONVÍVIOS QUE GEREM O CONHECIMENTO?**

Belém, Pará

2023





APRENDIZAGENS E SOCIABILIDADES ENTRE A ESCOLA TRADICIONAL E O CIBERESPAÇO: A JUVENTUDE EM BUSCA DE NOVOS CONVÍVIOS QUE GEREM O CONHECIMENTO?

Antonio Aparecido Teixeira ¹

RESUMO

Este artigo é parte do projeto de pesquisa, em andamento, que pretende verificar como o atual processo de socialização, principalmente o que resulta da utilização das novas tecnologias que caracterizam o que se denomina de ciberespaço, pode estar relacionado com o interesse e/ou desempenho dos jovens alunos na escola pública tradicional. Com isso, recorre-se a autores que analisaram o papel da educação escolar no processo de construção do conhecimento e da escola enquanto uma das principais instituições socializadoras nas sociedades organizadas com base no modo de produção capitalista. No entanto, procurou-se por propostas pedagógicas que possibilitem transformar a escola tradicional num espaço que proporcione significação no conhecimento adquirido pelos jovens estudantes, como por exemplo a Pedagogia da Teoria Crítica. Desta forma, torna-se evidente a procura por novas formas de sociabilidades em ambientes distintos ao da escola tradicional e a influência que este tipo de convívio tem sobre os índices de evasão e desempenho escolar, ou seja, cria-se um movimento tendencioso no sentido de procura por novos espaços onde manifestem a sua condição juvenil e tenham algum tipo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação básica, Ciberespaço, Socialização, Pedagogia da Teoria Crítica.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa pretende verificar como o atual processo de socialização, principalmente o que resulta da utilização das novas tecnologias que caracterizam o que se denomina de ciberespaço, pode estar relacionado com o interesse e/ou desempenho dos jovens alunos na escola pública tradicional.

Desta forma, torna-se evidente a procura por novas formas de sociabilidades em ambientes distintos ao da escola tradicional e a influência que este tipo de convívio tem sobre os índices de evasão e desempenho escolar, ou seja, cria-se um movimento tendencioso no sentido de procura por novos espaços onde manifestem a sua condição juvenil e tenham algum tipo de aprendizagem.

¹ Mestrando no Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio da Unesp, campus de Marília, aat.antonio@gmail.com ; Projeto em desenvolvimento no referido curso. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Cód.001”





Os dados das pesquisas sobre a educação escolar no Brasil demonstram que em 2022, houve um número considerável de alunos que não se matricularam no ensino médio² e um índice de 11% das crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos fora da escola no Brasil³, dentre os motivos descritos pelos entrevistados para terem parado de estudar se destacam:

- Porque tem que trabalhar fora;
- Por não conseguir acompanhar as explicações ou atividades passadas pelos professores;
- Porque sente que a escola é desinteressante;
- Porque prefere fazer aulas e atividades remotas.

Um dos possíveis motivos deste tipo de situação pode ser associado a um novo tipo de convívio social proporcionado pelas TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação, responsáveis por disponibilizar o ciberespaço, ambiente informatizado que permite a reprodução, virtualizada, do ambiente físico.

o que implica novas perspectivas éticas e morais, que impregnam os jovens urbanos, visuais, auditivos e cinestésicos: no intercâmbio com as TIC e suas aplicações, agem como se estivessem manuseando os mesmos programas e *softwares* na vida cotidiana. Praticamente, não existe diferenciação entre os domínios do digital e da realidade concreta. (Silva e Couto, 2012, p-335)

Conforme destacam Bourdieu; Passeron (1992), os espaços de reprodução social como o escolar são eficientes na dominação e legitimação de desigualdades, pois é na escola que o legado econômico da família se transforma em capital cultural, retransmitindo uma herança cultural.

Neste sentido o Conceito de campo, refere-se ao espaço no qual se manifestam relações de poder, e de capital – cultural, social, econômico e simbólico, e é importante para compreender a escola e seus dispositivos de controle e empoderamento.

No entanto, conforme Dayrell (2010, p.78) “a escola perdeu o monopólio da socialização dos jovens, mesmo continuando a ser uma referência significativa para a vivência juvenil. Como vimos, a socialização juvenil vem ocorrendo em múltiplos espaços e tempos, principalmente naqueles intersticiais dominados pela sociabilidade.”

2 Censo Escolar: Ensino Médio registra 347mil matrículas a menos em 2022. Jornal Folha de São Paulo, 16 set/2022, Disponível em <https://vestibular.mundoeducacao.uol.com.br/noticias/censo-escolar-ensino-medio-registra-347-mil-matriculas-a-menos-em-2022/345470.html> , Acesso em 11 dez.2022

3 Onze por cento das crianças e adolescentes estão fora da escola no Brasil, aponta pesquisa do Unicef, Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/15/11percent-das-criancas-e-adolescentes-estao-fora-da-escola-no-brasil-aponta-pesquisa-do-unicef.ghtml> , Acesso em 12 dez.2022



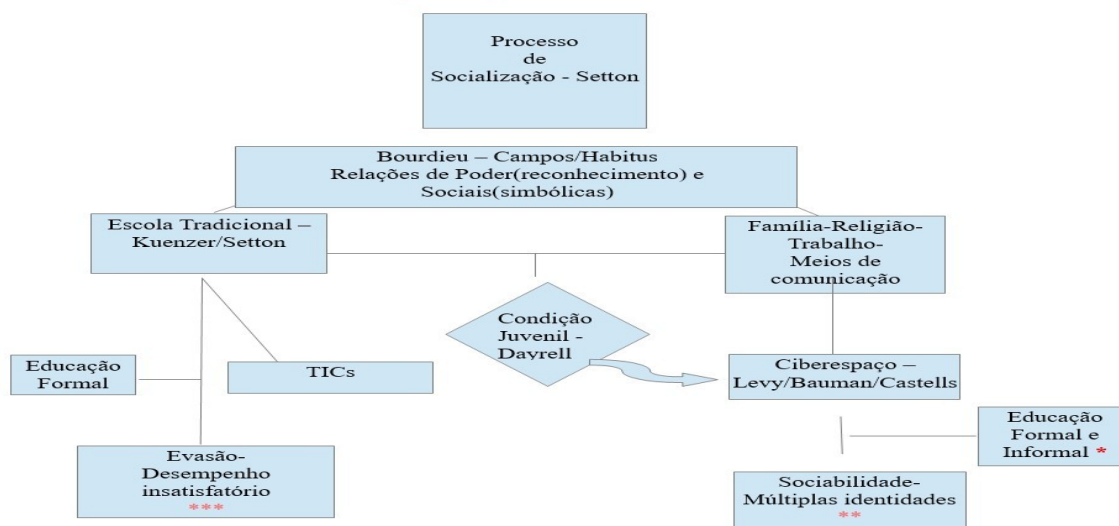
Mesmo considerando a intensificação na utilização dos recursos digitais no espaço da escola tradicional de educação básica⁴, surge a questão se este fato criaria perspectivas nos jovens alunos em relação ao processo de socialização e, em decorrência, como poderia influenciar o desenvolvimento da formação escolar?

As novas possibilidades criadas a partir do convívio no ciberespaço podem representar uma nova oportunidade para que possam estabelecer outras dimensões do processo de socialização, inclusive no que se refere aos estudos e a criação de novos bens simbólicos que representem seus próprios interesses enquanto jovens cidadãos.

O novo tipo de sociabilidade proporcionado pelas formas digitais pode se desenvolver a partir dos sistemas informativos que permitem circular em tempo real as informações constituídas pela sociedade, além de tornarem possível que este mesmo cenário social passe por um constante refazer, inclusive recriando práticas e novas ações dos indivíduos num sentido em que possam desenvolver novas significações distintas daquelas alcançadas sob a ideologia dominante.

Assim, muitos dos alunos que se encontram com dificuldades em desenvolverem seus estudos no espaço de educação escolar tradicional se vêm influenciados pelo leque de opções de sociabilidades, inclusive comunidades de aprendizagem, existentes em ambientes virtuais informatizados organizados em rede por meio de recursos tecnológicos. O desenvolvimento desse fenômeno pode ser representado pelo esquema da figura 1 abaixo:

As relações de poder e sociais desenvolvidas na escola tradicional e no ciberespaço:-
Desenvolvendo a aprendizagem, a sociabilidade e bens simbólicos



FONTE: Elaborado pelo autor (2022)

4 Paraná é o último lugar em índice do Ensino Médio no Censo Escolar 2022, Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/parana-e-o-ultimo-lugar-em-indice-do-ensino-medio-no-censo-escolar-2022/> Acesso em: fev. 2023

Entretanto, por mais democrático que pareça o ciberespaço pode ser considerado um dos instrumentos da cultura de massa.

Enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica). (Bourdieu 1989, p.11)

Desta forma a realização da pesquisa sobre o tema proposto poderá contribuir com a compreensão desse fenômeno e resultar em dados/análises que apoiarão a prática de ensino na educação básica, principalmente em Sociologia por este componente curricular tratar com mais especificidade desta questão.

Neste sentido, havendo a confirmação de que tal situação se mantém no contexto da educação escolar e considerando a necessidade em manter a escola, na modalidade tradicional, atraente para o jovem aluno, poderá ser proposta a discussão sobre a utilização de novas práticas didáticas para o ensino de Sociologia, como por exemplo as que visem a emancipação dos educandos.

Saviani (2007), a partir de 1982, iniciou o desenvolvimento da teoria histórico-crítica (teoria sobre a educação) – cujo objetivo era o de “compreender e explicar o modo de funcionamento da educação e não orientar a forma de realização da prática educativa”.

No entanto, Gasparin (2012) desenvolveu uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica com o intuito de aproximar do dia a dia do processo de ensino e aprendizagem da educação básica.

Considerando a situação na sociedade brasileira atual, no qual o Estado lança mão de jargões como aprender a aprender, imputando ao indivíduo toda a responsabilidade por sua sobrevivência, sucesso ou insucesso, tal proposta pode representar um instrumento para que a instituição escola se mantenha atraente e útil, desenvolvendo conteúdos no processo de ensino e aprendizagem que tenham significação para os jovens estudantes e contribuam no combate a evasão e na melhoria do desempenho escolar.

Assim, mesmo no tipo de sociedade em que estamos inseridos, cuja estrutura se encontra ligada ao modo de produção capitalista e marcada pelas desigualdades sociais, a existência de uma instituição de educação escolar que cumpra com o seu papel de contribuir na formação democrática da população para a construção do conhecimento se torna fundamental nos espaços em que ocorrem.



Desta forma, é indispensável conhecer o tipo de convívio que os jovens alunos podem desenvolver no ciberespaço e como este pode influenciar as suas práticas associativas e definir as relações sociais, principalmente aquelas relacionadas ao universo escolar? Neste sentido, Setton (2011) descreve as sociedades atuais como um espaço plural de múltiplas referências identitárias, ou seja, por meio de um processo dialógico, híbrido e disperso os indivíduos podem se situarem diante da heterogeneidade de princípios de orientação proporcionadas pelas instituições sociais.

METODOLOGIA

O entendimento sobre o tipo de socialização que se desenvolve no ciberespaço, e sua influência sobre a condição juvenil no processo de ensino e aprendizagem da escola tradicional poderá ser obtido por esta tentativa de pesquisa de natureza exploratória, tendendo para a de natureza descritiva.

A proposta é a utilização da metodologia de análise qualitativa a partir do método de abordagem dialético, pois o fenômeno a ser estudado se constitui pela existência de opostos em constante transformação.

Desta forma os procedimentos a serem adotados permitirão a explicação geral dos fenômenos menos abstratos a partir da combinação dos métodos de procedimento observacional e comparativo.

Assim, serão utilizadas as técnicas de documentação indireta com a pesquisa bibliográfica e da documentação direta, por meio da observação direta extensiva, com a técnica do questionário - constituído por uma série de perguntas que deverão ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador.

Com isso, os dados necessários ao desenvolvimento do projeto poderão ser obtidos com a realização de pesquisa bibliográfica nos portais de periódicos científicos, como por exemplo o Scielo, utilizando-se as palavras-chave: educação básica, ensino aprendizagem, socialização, ciberespaço, condição Juvenil, evasão escolar.

Sendo complementada pela aplicação de questionário com jovens alunos de uma turma de 2ºAno do ensino médio numa unidade escolar da rede pública paulista, ou seja,

1. Consultar pesquisas atuais sobre preferência/vivência juvenil no ciberespaço – Pesquisa bibliográfica
2. Consultar pesquisas atuais sobre evasão/desempenho escolar no país – Pesquisa bibliográfica
3. Pesquisa sobre a prática dos alunos - Questionário (Pesquisa Qualitativa):

A FIGURA DO NARRADOR COMO INSPIRAÇÃO PARA A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O debate sobre a Sociologia na educação básica no Brasil remete ao embate vivenciado pela figura do narrador, descrita por Benjamim (1994), na Europa medieval ao possibilitar que os indivíduos tomassem conhecimento de uma realidade distante por meio da narrativa cujo conteúdo tinha significação e se distanciava do senso comum, porém a sociedade industrial capitalista criou um modo de vida urbano e cada vez mais individualizado no qual os fatos se tornavam descartáveis ao serem apresentados no formato de informação na imprensa moderna.

Situação similar encontra a Sociologia no ensino médio ao se deparar com as inovações tecnológicas que reiteram a imediatez das relações sociais em nosso cotidiano.

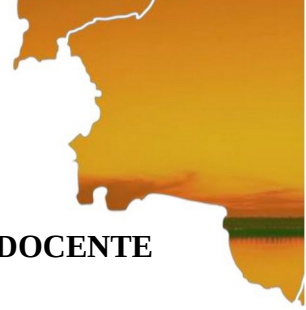
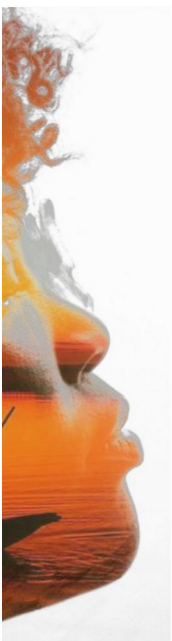
A consolidação do modo de vida urbano nas últimas décadas do século XIX nos países europeus que se renderam a proposta do liberalismo econômico contribuiu para que o fenômeno da dispersão entre os indivíduos, antes vivenciada na rotina dos feudos distantes entre si, passasse a ocorrer na forma de multidão anônima que circulava nas cidades.

Com isso, tornou-se obsoleta a figura daquele que antes cumpria a função de possibilitar a circulação da informação sob a forma de narrativa com o intuito de levar o mundo distante aos que habitavam regiões que constituíam lugares únicos e com dinâmica de tempo própria.

Esta prática tornava possível para aqueles que não podiam ir até onde ocorriam os fatos o desenvolvimento de um tipo particular de conhecimento coletivo que se confundia com a experiência do narrador, apresentando significação e se constituindo como um instrumento de distanciamento do senso comum.

No entanto, as transformações sociais fizeram com que seu papel fosse sendo substituído gradativamente por novas formas que adotavam os recursos tipográficos que vinham sendo aperfeiçoados desde o ano de 1440, quando Johannes Guttenberg desenvolveu a tecnologia da prensa móvel, até o desenvolvimento da imprensa de massas, representada por jornais e agências de notícias que se beneficiavam das modernas máquinas tipográficas, conhecidas como rotativas, e dos recursos fotográficos e telegráficos no decorrer do século XIX.

Esse processo transforma a informação em mercadoria com poder de persuasão e ao apresentar os fatos no formato de notícia reproduz o ritmo frenético e imediatista do modo de vida urbano.



Desta forma, um novo modelo de interação entre os indivíduos e o mundo que os cercam se estabelece fazendo com que a forma de se construir conhecimento se transforme numa relação cada vez mais impessoal e sem a significação que a narrativa permitia.

Com isso, tem-se que a transmissão cultural de uma geração à outra se transforme ao longo dos séculos, fazendo com que no período de transição entre a sociedade feudal e a sociedade industrial capitalista, a educação escolar se torne um dos principais objetivos a serem alcançados na modernidade.

No entanto, a função de educar as novas gerações não se restringia apenas à instituição escolar, mas incluía os novos recursos midiáticos “Romances, jornais, revistas, sermões, teatro, pinturas etc. têm tido sempre sua quota de participação no processo educacional e podem, pois, ter muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.” (Pallares-Burke, 1998, p.145)

Neste sentido, a Sociologia com a sua proposta de compreender a sociedade que se desenvolve a partir do século XIX, pode ser considerada uma alternativa para transformar a imediatez dos fatos não vivenciados, mas noticiados pelos meios de comunicação, numa forma de conhecimento que tenha significação e seja compreensível distintamente do que possibilita o senso comum.

UMA CIENCIA PARA COMPREENDER O MUNDO INDUSTRIAL CAPITALISTA

Num contexto no qual as sociedades foram apresentadas as grandes novidades proporcionadas pelo desenvolvimento das ciências, principalmente daquelas vinculadas ao chamado período iluminista, ganhou destaque a Sociologia.

Dentre as muitas transformações ocorridas se destacaram o modo de produção capitalista e o novo modo de vida urbano, tais mudanças eram recebidas com naturalidade pela população por não ter muitas opções para se manter, ou seja, para os indivíduos que formavam a mão-de-obra da nova sociedade industrial restava muito pouco ou apenas a possibilidade de se adaptarem ao novo cotidiano.

No entanto, houve a exceção dos pensadores das mais diferentes áreas científicas e, em especial da Sociologia, que se propuseram a compreender o que realmente estava acontecendo.

A ideia de progresso, em geral associada ao Iluminismo, se constituía de dois ramos distintos, porém relacionados entre si. Em primeiro lugar, havia as variações sobre o tema do aperfeiçoamento humano como fenômeno essencialmente cultural e político, a ascensão da razão e da liberdade. Em segundo, uma espécie de materialismo que representava a história como estágios na evolução dos “modos de subsistência”, e, especificamente, o amadurecimento da “sociedade comercial”, o último estágio e o mais perfeito. Os dois ramos se uniram por uma concepção de progresso técnico no qual o desenvolvimento da mente humana se manifestava no aperfeiçoamento das técnicas de provisão da subsistência material, não apenas o



aperfeiçoamento dos instrumentos de produção, mas acima de tudo uma divisão de trabalho cada vez mais refinada, entre cidade e campo, entre as profissões especializadas e, por fim, no interior do próprio local de trabalho. Essas melhorias materiais foram acompanhadas, no plano cultural, por uma racionalidade crescente, pelo declínio da superstição e, no plano político, pelo avanço da liberdade. (WOOD, 2010, p. 129)

Neste sentido, Max Weber é considerado um dos principais intelectuais do contexto social do século XX ao compartilhar dos ideais de razão e liberdade, porém entendia o progresso capitalista de maneira ambígua, pois ao mesmo tempo que proporcionava a prosperidade material em paralelo com a liberdade e democracia liberal, gerava o aumento da irracionalidade e a perda de liberdade pelo aumento da centralização política no Estado Alemão.

Outra figura importante que também se inspirou nas ideias iluministas foi Karl Marx, mas o seu entendimento sobre o capitalismo se apresentou divergente de Weber ao substituir a teleologia por uma visão de processo histórico da humanidade que possibilitaria a superação deste tipo de sociedade e a retomada da emancipação humana.

A ideia de progresso capitalista enquanto força capaz de desenvolver a humanidade, também se tornou objeto de estudo da vertente teórica positivista, representada por Auguste Comte e, principalmente por seu discípulo direto Emile Durkheim, considerado o primeiro a desenvolver um método sociológico para compreender esse novo tipo de sociedade.

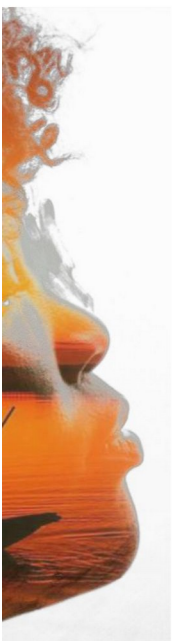
O conceito de fatos sociais desenvolvido por Durkheim expunha as maneiras de agir, de pensar e de sentir como coisas exteriores aos indivíduos e capazes de exercer um poder coercitivo sobre estes, ou seja, funcionam como uma consciência coletiva que se impõe sobre todos por um conjunto formado pelo direito, instituições e crenças.

Enquanto resposta intelectual à “crise social” de seu tempo, os primeiros sociólogos irão revalorizar determinadas instituições que, segundo eles, desempenham papéis fundamentais na integração e na coesão da vida social. A jovem ciência assumia como tarefa intelectual repensar o problema da ordem social, enfatizando a importância de instituições como a autoridade, a família, a hierarquia social e destacando a sua importância teórica para o estudo da sociedade. (Martins, 2006, p.30)

Com isso, um longo caminho se abriu para essa nova ciência que gradativamente foi sendo desenvolvida em diversos países, inclusive no Brasil imensamente influenciado pelos ideais iluministas e que se encontrava diante de um processo de estabelecimento da sua primeira República.

A IMPORTANCIA DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A proposta de inclusão da Sociologia como disciplina na educação brasileira remete a segunda metade do século XIX, quando o Ministério da Instrução Pública, por meio da Reforma Benjamin Constant, instituiu a obrigatoriedade da Sociologia na educação básica,



porém por se tratar de legislação federal e devido a autonomia dos Estados, ficou restrita ao Distrito federal, a cidade do Rio de Janeiro e ao Colégio de Pedro II.

Segundo Moraes (2011), a inclusão da Sociologia como disciplina da educação básica esteve envolta em vários dilemas, um deles é o fato dela despertar o interesse em setores antagônicos da sociedade, simultaneamente, como instrumento de um certo poder, ou seja, oscilava entre uma proposta progressista de emancipação e como uma vertente do pensamento conservador, ao se propor a sua inclusão ou exclusão do currículo escolar.

No entanto, a dificuldade de contar com pessoal especializado para essa disciplina se torna um problema que começou a ser contornado somente na década de 1930 com a criação dos cursos de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP); na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da USP e na Universidade do Distrito Federal.

Em vários momentos foi feita a opção para a Sociologia deixar de ser uma disciplina obrigatória na educação básica brasileira, evidenciando-se o caráter ideológico e a consolidação de uma estrutura centralizada de governo durante o período aproximado de 1942, Reforma Capanema, até 1971, regime militar.

Durante o processo de redemocratização desenvolvido no Brasil, embalado pelos efeitos de uma tardia consolidação produtiva industrial, não só a possibilidade de a Sociologia retornar ao currículo oficial, mas o redirecionamento da educação básica envolve o debate nacional em torno de uma questão que pode ser exemplificada da seguinte maneira: Qual educação devemos ter?

Segundo Moraes (2011) o caminho a ser proposto parece que já estava definido, e garantia o retorno da Sociologia a escola secundária, pois na “legislação educacional realizada pelo próprio governo militar – a Lei n. 7.044/82 –, que flexibilizava a obrigatoriedade do 2º grau profissionalizante, abrindo espaço para uma escola média de caráter formativo geral”.

Concluído o processo de transição democrática a nova Constituição Federal de 1988, estabeleceu em seu artigo 205 que a educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, o que se manteve até a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, porém no ano de 2001, quando o governo brasileiro era chefiado por um sociólogo, Fernando Henrique Cardoso, a disciplina de Sociologia foi impedida de compor o currículo obrigatório para o ensino médio com o veto ao projeto de lei 3.178/97 que já havia sido aprovado na Câmara dos Deputados.

No entanto, tornou-se necessário o desenvolvimento de novos instrumentos que possibilitassem a adequação entre tipo de sociedade existente e a educação necessária, assim

no ano de 2001 é publicado um guia norteador denominado de “Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, estabelecendo algumas regras básicas para o ensino nas escolas do Brasil.

Em 2003, desenvolveu-se um novo debate em torno da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio, sendo proposto o projeto de lei 1641/2003 que obteve durante sua tramitação no Congresso Nacional posicionamentos favoráveis a alteração na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996.

Sobre os projetos de lei 3178/1997 e 1641/2003, nota-se nos discursos proferidos na Câmara de Deputados e no Senado uma diversidade de justificativas favoráveis para o retorno da Sociologia ao currículo do ensino médio:

QUADRO 1 - Eixos dos Argumentos favoráveis aos projetos de lei 3178/1997 e 1641/2003

Eixo 1	Formar o bom cidadão - “preparar o jovem para o exercício da cidadania”
Eixo 2	Formação crítica – “capacidade de refletir e de analisar sobre a sociedade e a realidade”
Eixo 3	Formação que leve os jovens a serem agentes de sua própria história – “Sociologia como instrumento para a transformação social”
Eixo 4	Formação necessária para que os jovens acessem o mundo do trabalho – “mais do que de um conhecimento puramente técnico”
Eixo 5	Características específicas da Sociologia e da Filosofia como disciplinas no ensino médio – “preparar para a cidadania a partir dos conteúdos clássicos ou contemporâneos assim como temas e autores abordados pela disciplina no ensino médio”

FONTE: AZEVEDO, Gustavo Cravo O; NASCIMENTO, Tais Barbosa Valdevino. O discurso de apoio à Sociologia no Ensino Médio nos anos 30/40 e nos anos 90/00: apontamentos sobre os dois períodos. Revista Café com Sociologia n.4, vol.3, p.16, 2015

Em se tratando da Sociologia, um novo documento foi elaborado para direcionar uma maior aproximação entre legislação educacional e a prática docente no ambiente escolar, ou seja, desenvolve-se um documento denominado de “Orientações Curriculares Nacionais” e dividido por áreas, das quais se destaca a de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Sobre a Sociologia, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências Humanas e suas Tecnologias destacam:

Entende-se que esse duplo papel da Sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser traduzido na escola básica por recortes, a que se dá o nome de disciplina escolar. Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma adequação em

termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. (OCEM, 2006, p. 107)

Com a Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, a disciplina de Sociologia se tornou obrigatória no currículo do ensino médio, revogando o inciso III do parágrafo 1º do artigo 36 da Lei no 9.394 - Lei de Diretrizes Básicas de Educação de 20 de dezembro de 1996.

Em 2018, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular também reiterou a proposta ao estabelecer que as aprendizagens essenciais devem proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais afim de mobilizar conhecimentos - conceitos e procedimentos, e, habilidades, atitudes e valores para resolver situações da vida cotidiana, exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Esta proposta tem direcionado o processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de ações pedagógicas que visem o “aprender a aprender” e o “saber fazer”.

os jovens intensificam os questionamentos sobre si próprios e sobre o mundo em que vivem, o que lhes possibilita não apenas compreender as temáticas e conceitos utilizados, mas também problematizar categorias, objetos e processos. Desse modo, podem propor e questionar hipóteses sobre as ações dos sujeitos e, também, identificar ambiguidades e contradições presentes tanto nas condutas individuais como nos processos e estruturas sociais. (BNCC 2018, p. 548)

Estas duas primeiras décadas do século XXI têm apresentado um fenômeno que pode ser observado no Brasil de transformações no mundo do trabalho em paralelo com novas propostas pedagógicas para a educação básica de nível médio, principalmente o desenvolvimento do chamado “NEM” - Novo Ensino Médio⁵, transformado em lei no ano de 2017, e implantado a partir do ano de 2022, aumentou a carga horária de 2,4 mil horas para 3 mil horas nos três anos, porém se tornou uma fonte de dissenso na sociedade ao propor novas disciplinas, os chamados itinerários formativos, em substituição as disciplinas da Base Nacional Comum Curricular que antes compunham a grade curricular, como por exemplo a Sociologia.

Diante de tal situação, tornou-se necessário rever as dimensões explicativa ou compreensiva(teorias), linguística ou discursiva(conceitos) e empírica ou concreta (temas), para que o desenvolvimento da aprendizagem em sociologia no ensino médio se aproxime das propostas constantes das Orientações Curriculares para o Ensino Médio Ciências Humanas e suas Tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5 Aula de RPG ou de cuidados com o pet? Professores e pais criticam disciplinas inusitadas do novo ensino Médio. Disponível em : <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/aula-de-rpg-ou-de-cuidados-com-o-pet-professores-e-pais-criticam-disciplinas-inusitadas-do-novo-ensino-medio.ghtml> Acesso em: mar.2023

Fica evidente que está em curso um processo de transformações sociais em escala global que não deixa a educação básica imune e neste contexto a própria sociologia como componente curricular do ensino médio.

Enquanto uma ciência que se propõe a desenvolver o pensamento crítico nos jovens estudantes, a sociologia enfrenta dificuldades para lidar com o intenso fluxo de informações e recursos que se movimentam nos meios digitais.

Outro fator que tem forte interferência na prática docente do ensino de Sociologia e na educação básica como um todo, são as atuais condições de trabalho que se apresentam cada vez mais precarizadas.

No entanto, ao contrário do que possa parecer, este é um dilema antigo e comum a muitos países latino-americanos, pois a educação escolar básica tem enfrentado grandes dificuldades para se firmar como instituição social predominante responsável por proporcionar às novas gerações o conhecimento desenvolvido pela sociedade.

Como destaca (PALLARES-BURKE, 1998, p.147) “Recém-emancipada da ordem política absolutista, a imprensa passa a ser constantemente referida como meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas.”

Assim, esse tipo de informação tem sido aceita como sinônimo de conhecimento, consolidando-se a partir da sociedade industrial capitalista, quando a noção de multidão individualizada se estabeleceu e expôs as mazelas da modernidade que se manifestavam sob as formas distintas de anomia e alienação, racional e irracional, ideologia e utopia, liberdade e solidão, fazendo necessário o desenvolvimento do pensamento sociológico.

No entanto, na atualidade tais contradições se tornam diluídas nos fluxos midiáticos digitais direcionados pelos algoritmos, fazendo com que não só o ensino de Sociologia, mas a educação básica tenha que se reinventar para não se tornar conivente com este processo de aceitação da simples informação como conhecimento da educação escolar.

Neste sentido, não se pode deixar de considerar que mesmo apresentando recursos que o tornam visível como um espaço mais autônomo e democrático, o ciberespaço é tido como um exemplo de cultura de massa, conceito que se mantém associado ao ideal liberal capitalista, ou seja, independente do meio no qual se desenvolve a educação, este pode estar sujeito a influência da violência simbólica.

Com isso, tem-se como possível inspiração para este constante processo de emancipação humana a partir da educação escolar formal, a sabedoria reconhecida por Benjamim (1994) na figura do narrador, assim como o reconhecimento das possibilidades que

nosso cotidiano proporciona para o desenvolvimento de práticas docentes no ensino de Sociologia que tenham significação aos jovens estudantes do ensino de nível médio no Brasil.

A pesquisa pretende contribuir no entendimento que o jovem aluno tem em relação aos ambientes nos quais pode desenvolver os seus estudos e a sua opinião sobre quais mudanças poderiam ocorrer naquele em que se encontra com mais intensidade para transformá-lo num espaço de construção do conhecimento com mais significação.

Assim, para a prática didática na educação básica se tem como opção o desenvolvimento de uma sequência didática nas aulas de Sociologia para os 2^{os} Anos do Ensino Médio sobre a categoria Trabalho, “Trabalho no mundo moderno capitalista - Da indústria para as plataformas digitais”, poderá contribuir para reverter o fenômeno que está sendo constatado no presente estudo.

Para tanto, será sugerida a Pedagogia Histórico-Crítica desenvolvida por Gasparin (2012), a partir de Saviani, em paralelo com as teorias de autores como Frigotto (2008) e Arroyo (1999) que se empenharam em pensar o Mundo do Trabalho, desenvolvendo conceitos que possibilitam se apropriar das diversas dimensões que envolvem tema, inclusive a escolar.

Dentre os autores que desenvolveram estudos sobre a temática proposta, destaca-se Karl Marx, responsável pelo desenvolvimento dos principais conceitos sobre o mundo do trabalho.

No desenvolvimento da proposta os alunos realizarão pesquisas, bibliográfica e de campo, para possibilitar a obtenção de dados que possam contribuir no processo de apropriação sobre o conteúdo objeto da sequência didática sobre a categoria trabalho.

A intervenção pedagógica proposta consiste no desenvolvimento de uma sequência didática que disponibilize meios para que os estudantes do 2^o Ano do Ensino Médio possam se apropriar dos conceitos básicos relacionados ao mundo do trabalho, e, mais especificamente das relações trabalhistas nas sociedades estruturadas com base no modo de produção capitalista.

Tem-se como pressuposto que o trabalho constitui a atividade chave no processo de humanização e é por meio dele em conjunto com as demais instituições sociais que se desenvolve o processo de socialização dos indivíduos. Mesmo considerando o fato de que a categoria trabalho tem perdido a sua centralidade nas sociedades atuais em decorrência das transformações que se apresentam como sinônimos, dentre outros, de precarização e pauperização das relações de emprego, esta categoria ainda é de fundamental importância

para ser estudada no universo da educação escolar, principalmente no nível médio com as aulas de Sociologia.

Conforme Marx (2004) o trabalho do ser humano é distinto daquele realizado pelos demais seres vivos, pois além de possibilitar a sua adaptação ao meio natural, ele o transforma procurando adequar as suas necessidades. No entanto, este processo criativo se perde a partir do surgimento da sociedade de classes, na qual, o trabalho se torna uma mercadoria fazendo com que o trabalhador perca a sua autonomia no processo produtivo.

Este processo de transformação da natureza faz com que se crie uma história social para ser compartilhada com as futuras gerações e estabelece vínculos culturais entre os indivíduos de diferentes grupos que estabelecem as relações sociais de modo contraditório.

Com isso, este fenômeno social ganha importância para que se desenvolva o ser social e que esta herança cultural seja apresentada aos novos membros de determinada sociedade por meio de um processo socializador.

Na fase escolar do ensino médio das redes públicas se encontra o jovem aluno, aquele que tem sido considerado o sujeito no processo de ensino e aprendizagem, e cujo um dos seus possíveis objetivos com a educação escolar seja a sua inserção no mercado de trabalho, em paralelo com a continuidade dos estudos em nível superior.

Assim, o tema se constitui de imediato como significativo ao interesse dessa parcela de educandos, porém nem sempre o seu entendimento é constituído de uma visão desnaturalizada sobre os aspectos que o cercam, fazendo-se necessário o desenvolvimento de propostas didáticas que proporcionem a apropriação de conceitos e o entendimento crítico sobre as constantes transformações sociais que influenciam o surgimento de novas formas de organização do trabalho e o desenvolvimento de novas relações de trabalho, fazendo com que se dê o deslocamento “Da indústria para as plataformas digitais” nas sociedades atuais estruturadas no modo de produção capitalista.

Neste sentido, a Sociologia com a sua proposta de compreender a sociedade que se desenvolve a partir do século XIX, pode ser considerada uma alternativa importante para o entendimento das transformações atuais que tornam a imediatez das relações sociais num poderoso obstáculo ao desenvolvimento de um processo de desnaturalização do conhecimento sobre a realidade vivenciada e de distanciamento das ideias que caracterizam o senso comum, inclusive no espaço da educação escolar de nível médio.

Desta forma os resultados obtidos com a pesquisa poderão contribuir com a compreensão inicial desse fenômeno e resultar em dados/análises para um direcionamento de novas pesquisas e apoio para prática de ensino em Sociologia na educação básica.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: Celso J. Ferretti; João dos Reis da Silva; Maria Rita N. S. Nogueira. (Org.). Trabalho, formação e currículo. Para onde vai a escola? São Paulo (SP): Xamã, 1999, p. 13-42

AZEVEDO, G. C. O; NASCIMENTO, T. B. V. O discurso de apoio à Sociologia no Ensino Médio nos anos 30/40 e nos anos 90/00: apontamentos sobre os dois períodos. Revista Café com Sociologia n.4, vol.3, p.8-20, 2015. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/529>> Acesso em: 05 out.2022

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BOURDIEU, P. O poder simbólico, Trad: Tomaz, F. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil,1989

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. 3a. ed. RJ: Francisco Alves Editora, 1992.

BRASIL. MEC.CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 27 mar. 2022

BRASIL. MEC.SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Conhecimentos de Sociologia. pp.100-133, 2006.

BRASIL. MEC.C.N.E. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Área Ciências Humanas e suas Tecnologias, Brasília, DF, 1999.

BRASIL. MEC. SEMTEC. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Bases Legais. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera a Lei nº 9.394 e inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, 2008. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11684&ano=2008&ato=da1MTW61UNRpWTa34>> Acesso em: 13 abr. 2022

DAYRELL, J. A juventude no contexto da sociologia: questões e desafios, in: Sociologia: ensino médio. Coord. Moraes, A. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 65-84. Coleção Explorando o Ensino. v. 15 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 16 out. 2021

FRIGOTTO, G. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-2/Educacao-MII/2SF/2-Frigotto2008.pdf> Acesso em: 6 jun.2022

GASPARIN, J. Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica, 5. Ed. rev., Campinas, SP Autores Associados, 2012.

MARTINS, C. B. O que é Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARX, K. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MORAES, A. Ensino de sociologia: Periodização e campanha pela obrigatoriedade. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 359-382, 2011. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: Caderno de Pesquisa, n.104, p. 144-161, jul. 1998. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/723/737>>. Acesso em: 13 abr. 2023

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.

SETTON, M. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. Revista Educação e Pesquisa, Dez 2011, vol.37, no.4, p.711-724 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-7022011000400003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 03 out. 2012

SILVA, V. C.; Couto, E. S. Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto Escolar, **Educação em Revista**, vol.28, no.2, Belo Horizonte, Jun./2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/WM7JvJhXRcZZTTGXHKbmCvy/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 09 out. 2022

WOOD, E. M. História ou teleologia? Marx versus Weber. In: WOOD, E. M. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010. p.129-54.

